

Daqui eu não saio

Querem derrubar a casa de dona Inês. Ela já disse que não: que gosta da casa, do espaço que ela tem, das histórias que transpiram em cada cantinho de parede, em cada risco no chão, em cada marca do tempo. Mas os vizinhos não deixam dona Inês em paz: vende, dona Inês. Nós já topamos. Vende ou não dá espaço para construir o prédio. Dona Inês diz que não. Os filhos suplicam: vende, mãe. Ficar com essa velharia pra quê? Dona Inês responde que uai, porque eu quero e pronto. O corretor imobiliário telefona dia e noite, o corretor e seu talão de cheques, balançando como uma salsicha em frente ao cachorro. Mas dona Inês não quer salsicha. Nem cheques. Só a sua casa.

Já tentaram convencer dona Inês de diversas maneiras. Uma delas foi ameaçá-la com a possibilidade de uma escuridão eterna que os vizinhos de prédios altos sofrem. Dona Inês respondeu que nem ligava. Com chuva ou com sol, dona Inês fica lá — em sua casa. A outra tentativa foi assustá-la com a possibilidade de desvalorização: diziam que depois de feito o prédio com os terrenos vizinhos, a casa dela nada valeria. Vale para mim, responde, altiva, dona Inês. As tentativas foram em vão.

A rua de dona Inês é um rio. O rio do tempo. Dela transbordam carros, transbordam as mudanças da moda, das estações, da ética, da tecnologia e dos governos. Transbordam os inevitáveis corretores imobiliários. Outras casas vizinhas foram sendo tragadas pela enchente da rua. Desabando e se perdendo nas águas, uma a uma: a casa da tia Sara, com lindas árvores na frente; o casarão com pinturas de azulejo e bela arquitetura de não sei quando; a imponência da mansão daquele homem. Eram casas feitas de materiais vulneráveis.

A casa de dona Inês, não. Os tijolos de dona Inês são soldados com carinho, material imperecível, invulnerável. Tinta cor de sépia, cor das fotos amarelecidas e da memória que sorri de si mesma. A casa de dona Inês é a sua alma: casa viva, que respira, casa com infância e maturidade, mas sem-fim. Alma imortal de dona Inês, a casa e sua teima no bairro de Lourdes.

Eu aqui singela, em meu apartamento bebê de sete anos, fico torcendo pela casa de dona Inês. Eu que gostaria de uma foto, de um relato ao menos de que histórias povoaram esse terreno antes que o BNH o tornasse possível para mim. Assistindo minha própria rua se desmanchar, os pedaços de sua história levados para longe pelo vendaval do tempo. Eu que levei minha filha de sete anos em excursão turística à padaria em frente, onde tantas vezes ela clamou por um *chips*, agora apenas uma fachada é em breve o pó de onde viemos e aonde voltaremos.

Torcemos minha filha e eu, pela casa de dona Inês. Que ela possa contar para minha filha adulta que a cidade centenária não nasceu ontem. Que as pessoas já viveram dias melhores em termos de qualidade de vida. Que o modelo da megalópole não é o único possível ou desejável. Talvez, acima de tudo, que a casa erguida de dona Inês, espremida que seja entre prédios e fumaças, possa contar que — assim como nem todo homem — nem toda casa tem o seu preço.

Rita Espescht. Hoje em dia, 19/10/97. p.8.

1. A partir do que nos sugere o texto, qual das características abaixo **PODE SER** atribuída à dona Inês?

- a) insegura.
- b) maleável.
- c) interesseira
- d) persistente.

RESPOSTA: D

2. Assinale a opção em que a afirmativa **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

- a) O progresso não representa, necessariamente, avanço em termos de qualidade de vida.
- b) O dinheiro é usado como objeto de sedução.
- c) O valor sentimental sobrepõe-se ao valor monetário.
- d) Um sentimento é destruído em nome do progresso.

RESPOSTA: D

3. Em todas as passagens seguintes, há uma palavra ou expressão que nos remete ao espaço da narrativa, **EXCETO**

- a) “Já tentaram convencer dona Inês de diversas maneiras.”
- b) “que ela possa contar, para minha filha adulta, que a cidade centenária não nasceu ontem.”
- c) “eu aqui singela em meu apartamento bebê de sete anos fico torcendo pela casa de dona Inês.”
- d) “alma imortal de dona Inês, a casa e sua teima no bairro de Lourdes.”

RESPOSTA: A

4. Qual das opções a seguir **COMPROVA** o emprego de discurso indireto livre no texto?

- a) Dona Inês respondeu que nem ligava.
- b) Mas os vizinhos não deixam dona Inês em paz: vende, dona Inês.
- c) Vale para mim, responde, altiva, dona Inês.
- d) Ela já disse que não.

RESPOSTA: B